

ok  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ECONOMIA



129000858



TCC/UNICAMP M575p

MONOGRAFIA:

"O PROCESSO INFLACIONÁRIO: UMA ABORDAGEM TEÓRICA"

Aluno: Ernesto Ribeiro Meyer

Orientador: Antonio Carlos Macedo e Silva

Julho-1.992

TCC/UNICAMP  
M575p  
IE/858

**CEDOC/IE**

## ÍNDICE

1. Introdução .....	1
2. Definições de Inflação.....	5
3. Determinantes "Psicológicos da Inflação".....	6
4. Indicadores de Inflação.....	10
5. Inflação de Procura.....	13
5.1. Um esboço da Teoria Quantitativa da Moeda.....	14
5.1.1 Algumas conclusões de Friedman.....	16
5.2 Keynes (1.936-1.940).....	19
5.2.1 Possibilidade de Inflação abaixo do Pleno Emprego(Keynes-1.936).....	19
5.2.2 As causas do movimento de preços no Pleno Emprego.....	29
ANEXO: Tradução parcial do texto "How to pay for the war".....	33
5.3 O processo de "Espiral Autogeradora(Kalecki).....	43
5.4 Um comentário sobre as determinantes da velocidade e estabilidade do processo inflacionário.....	46
5.5 Uma abordagem microeconômica da inflação.....	47
5.5.1 Mercado de Preços Flexíveis.....	50
5.5.2 Mercado de Preços Fixos.....	55
5.5.3 Interação entre diferentes estruturas de mercado numa cadeia Produtiva.....	58
6. Inflação de Custos.....	60
6.1 Procura de Trabalho.....	62
6.2 Oferta de Trabalho.....	63
6.3 Pressão das Matérias-Primas.....	64
6.4 Pressão dos Lucros.....	65
6.5 Implicações Sociopolíticas.....	66
7. Considerações Finais.....	68
8. Referências das citações.....	
9. Bibliografia .....	

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho destina-se à análise da inflação. Em primeiro lugar, faremos a exposição de algumas definições de inflação, tentando aproximá-las de modo a definir um conceito suficientemente abrangente, que possa ser utilizado para desenvolvermos as diferentes etapas de nossa análise. Em seguida, examinaremos alguns aspectos referentes ao cálculo de seus indicadores estatísticos, destacando as dificuldades de medição e de interpretação dos números-índices agregativos, devido à abrangência do processo inflacionário. Feito isto, estaremos em condição de focalizar o tema central de nosso trabalho. Trata-se da exposição e análise de algumas das teorias desenvolvidas pelos economistas para explicar as causas básicas dos processos inflacionários. As teorias sobre a inflação são numerosas, fato que nos leva a considerar impossível abranger o campo integral no tempo que tivemos à nossa disposição. Centralizaremos nosso estudo nas duas teorias predominantes até o final da década de 50, que são as seguintes:

- "excesso de demanda agregada em relação à oferta agregada".

- "expansão dos custos que compõem a oferta agregada".

Subsequentemente trataremos da determinação de preços existentes em diversas estruturas de mercado. É de como sua elevação generalizada daqueles afeta diferenciadamente os elos de uma cadeia produtiva. Focalizaremos o que acontece em cada elo da cadeia produtiva e como a inflação pode afetar a

renda em cada uma destas ligações. Devemos entender a determinação do emprego e da renda agregados e seus vínculos com a variação inflacionária de preços, a partir de um enfoque microeconômico das decisões de produzir e de gastar em cada elo da cadeia produtiva, considerando a natureza distinta das estruturas de mercado envolvidas.

Muitos ramos da teoria da inflação se inter-relacionam. Dificilmente a aceitação de um conduz à eliminação de outro. Para Shapiro [1], isto "resulta de que não há uma única teoria que seja capaz de explicar todos os tipos de inflação que ocorrem nos vários países ao longo da história. As fontes da inflação diferiram em decorrência dos mais variados fatores: grau de desenvolvimento, organização e poder dos sindicatos dos trabalhadores, estruturas predominantes do mercado e graus de abertura da economia quanto às suas relações com outras nações. Ademais, as diferenças estruturais e institucionais que existem entre os países, em uma mesma época, podem ser encontradas em um mesmo país se este for examinado em épocas diferentes. Com o passar do tempo, surgem novas estruturas e instituições, influenciando nos tipos de inflação que possam ocorrer. Daí por que a literatura teórica sobre a inflação é bastante volumosa. Isto não obstante, devido ao caráter dinâmico dos movimentos inflacionários e à multiplicidade das causas que neles interferem, são ainda bem poucas as conclusões definitivas".

As pressões resultantes das duas causas primárias acima mencionadas dão origem a dois tipos diferenciados de inflação,

denominados inflação de demanda e inflação de custos. Além desses tipos puros de inflação, podem ainda ocorrer inflações mistas, impulsionadas tanto por excesso de demanda quanto por custos em expansão. Finalmente, há ainda outras teorias não alinhadas com as exposições convencionais da demanda e dos custos. Entre estas destacam-se as teorias estruturalistas da inflação, segundo as quais as pressões inflacionárias resultam de causas estruturais, geralmente relacionadas com estados de subdesenvolvimento econômico ou com desequilíbrios associados ao crescimento acelerado. E, mais recentemente, a abordagem inercialista, que explica a inflação a partir de forças de realimentação (de que é exemplo a indexação generalizada da economia) e de expectativas dos agentes econômicos quanto ao comportamento ascensional dos preços. Pelos mecanismos de realimentação, estabelecem-se, segundo esta abordagem, forças inerciais que reproduzem automaticamente a inflação passada no presente. (As abordagens inercialista e estruturalista não serão desenvolvidas neste estudo).

A identificação das causas da pressão inflacionária dará origem, conforme o diagnóstico, a políticas de combate diferenciadas. Conseqüentemente, se uma inflação é devida ao excesso de demanda, é geralmente considerada controlável por políticas fiscais e monetárias que venham a reduzir a demanda. Se ela é devida principalmente a forças de custo e de oferta, pode não ceder a tão simples terapia. As políticas fiscal e monetária podem curar uma inflação de custo apenas à custa do desemprego e do retardamento

do crescimento, temporária ou permanente. Portanto, "muitos teóricos da inflação de custo propõem mitigar, ao invés de eliminar a inflação. Outros confiam na restrição espontânea dos preços e dos negócios. Ainda outros propõem sistemas de controle direto (fixação de salários e preços, racionamento, dotações) sempre que elevados níveis de emprego e crescimento devam ser harmonizados com estabilidade de preços"[2].

## 2. DEFINIÇÕES DE INFLAÇÃO

Se procurarmos uma explicação imediata sobre a definição de inflação, podemos dizer que se trata de um fenômeno que pode ser conceituado como uma "elevação do nível geral de preços".

Pelo menos ao nível do uso comum o conceito de inflação não conduz a pontos de vista exageradamente distanciados entre si. Já quando conceituamos o processo inflacionário com mais rigor, a discordância é significativa, fato este sintomático da confusão ao tentar revelar sua essência e sua natureza (por exemplo, se é ou não um fenômeno de natureza monetária).

Outro aspecto relevante diz respeito à determinação da magnitude a partir da qual uma taxa de expansão geral dos preços usualmente caracteriza um processo inflacionário. Para não considerarmos qualquer elevação de preço como inflacionária (como a que resulta de desequilíbrios temporários entre oferta e demanda) devemos admitir a definição de Shapiro[4], que prefere conceituar a inflação como "uma elevação apreciável e persistente no nível de preços".

Nas discussões que faremos, a inflação terá este significado. Não obstante, catalogamos algumas definições antes de entrar no estudo mais pormenorizado:

A. "Inflação é uma condição de generalizado excesso de procura, em que 'bastante moeda' persegue pouca mercadoria".[4]

B. "A Inflação se deve a uma elevação no estoque de moeda ou de renda monetária, total ou per capita".[5]

C. "Inflação é uma elevação dos níveis de preço com

características ou condições adicionais há elevado nível de incerteza quanto às expectativas formuladas em meio ao seu processo, o que conduz (via aumento no custo) a acréscimos adicionais nos preços; não aumenta o emprego e a produção real; é mais rápida do que algumas taxas de restituição do poder de compra; aparece "do lado da moeda"; é medida pelos preços, livres de impostos indiretos e de subsídios; e/ou é irreversível".[6]

D. "Inflação é uma queda no valor externo da moeda medida pelas taxas de câmbio, pelo preço do ouro, ou indicada pelo excesso de procura de ouro ou de moeda estrangeira às taxas oficiais".[7]

No que se segue, evitaremos escolher entre definições alternativas, na expectativa de que a maioria delas conduza a resultados qualitativos semelhantes.

Estas definições se tornam mais complexas ao levantarmos algumas questões tais como "se considerarmos ou não a inflação, ou a rigidez monetária, ou os controles diretos, como sendo boas coisas. A conveniência que certas definições proporcionam a alguns agentes acaba se transformando na "explicação prática" que orienta a política econômica de combate a inflação, apesar de eventuais discordâncias teóricas.

### **3. DETERMINANTES "PSICOLÓGICOS" DA INFLAÇÃO**

Um dos problemas que se levanta de imediato quanto à estratégia e coordenação das atividades de cada agente é a geração, processamento, e uso da incalculável massa de informações relevantes que estão dispersas nos cérebros de um grande número de pessoas (trabalhadores, gerentes, técnicos, cientistas, empresários, comerciantes, etc.). A coordenação entre as atividades dos agentes depende do processo de mercado. Este mecanismo baseado na propriedade privada, nas trocas voluntárias e na formação de preços através de um processo competitivo que se dá em mercados com estruturas distintas é antes de mais nada um processo de descoberta que resolve o problema da geração, processamento e uso do conhecimento disperso na sociedade. O nó do problema é o fato de que os recursos e as condições em que os processos econômicos se desenvolvem nunca são plenamente conhecidos. Os desejos dos consumidores, as tecnologias disponíveis, os custos de produção, o acesso a recursos naturais, as oportunidades de ganho, em suma, as condições da economia não estão dadas de uma vez por todas, mas estão constantemente mudando, e isso até pela ação dos empresários ao abrirem possibilidades até então desconhecidas.

"Toda decisão racional baseia-se em um conjunto de premissas: os objetivos do agente, os vários procedimentos possíveis, os resultados prováveis de cada procedimento, as condições necessárias à efetivação da decisão (condições financeiras, informação, etc...). A racionalidade consiste em

definir, dadas as premissas, o procedimento mais adequado aos objetivos. Cada capitalista deve mobilizar seus recursos da forma mais eficiente possível, sob a pena de perder as melhores oportunidades e de, no limite, ter seu capital desvalorizado pela ação dos concorrentes. Os eventos a respeito dos quais não existe base objetiva para o cálculo probabilístico são incertos"[8]. O ambiente inflacionário sujeita as decisões a alterações frequentes, o que diminui o grau de confiança nas expectativas dos empresários e as torna mais subjetivas e arbitrárias. Se, apesar da incerteza que o processo inflacionário cria, as decisões econômicas parecem apresentar alguma estabilidade, deve haver um conjunto de convenções particulares relacionadas com o aumento progressivo de preços (formas de convívio com a incerteza em ambientes de inflação crônica) que proporcione um comportamento projetivo dos agentes. Ignorando qual será o futuro, os agentes assumem a hipótese de que este se assemelhará ao passado; tendem a manter decisões ou processos no meio dos quais as decisões passadas foram geradas. Segundo Keynes, para elaborar suas próprias expectativas, os agentes tendem a atribuir um peso importante à opinião média. A opinião convencional pode ser a de que os preços subirão progressivamente e a psicologia da sociedade gerará um determinante informal da inflação[9]. "Em certas circunstâncias, a opinião média quanto ao futuro representa uma profecia que, ao ser proferida, cria condições para que seja confirmada - a opinião sobre o futuro gera um futuro à sua imagem e

semelhança. A opinião média de que o nível de preços deva elevar-se generalizadamente induz os capitalistas a decisões de gasto que produzem o cenário previsto[10].

Suponhamos uma tendência inflacionária relativamente alta. Se os capitalistas acreditarem na continuidade desta tendência, formularão seus preços segundo um padrão de "normalidade inflacionária" em seu comportamento projetivo. A confiança nesta continuidade poderá desaparecer se a incerteza quanto à "normalidade inflacionária" torna-se mais acentuada. Na iminência de uma hiperinflação ou de uma mudança política os temores com relação ao futuro terão peso decisivo na determinação do comportamento dos agentes. Com estas conclusões, desejamos explicitar a importância das expectativas na variação do ritmo inflacionário, acreditando que este fator, que é um dos determinantes do ritmo dos preços, seja particularmente importante em conjunturas de inflação crônica. Na verdade, a tendência da taxa de inflação depende, em grande medida, destas expectativas, que refletem não apenas a inflação passada mas também, como já foi dito, previsões quanto ao comportamento futuro dos preços (muitas vezes com expectativas altamente incertas). Estas expectativas comandam a remarcação contínua dos preços, processo que se vê facilitado pela estrutura oligopolista de diversos segmentos da indústria de transformação. Este capítulo pretende apenas explicitar a existência de mecanismos informais de elevação nos preços, que independem da existência de regras gerais de indexação e que se alimentam quanto ao comportamento futuro

dos mesmos. O sistema formal de indexação de preços, salários e ativos financeiros que reproduzem a inflação passada, juntamente com a "informalidade" esboçada por este capítulo, caracterizam a chamada abordagem inercial da inflação, na qual não aprofundaremos nosso estudo. Prosseguiremos com a exposição convencional da inflação de demanda e dos custos.

#### **4. OS INDICADORES DA INFLAÇÃO**

Num país onde a marcha da inflação é fator determinante na

tomada de decisões de toda a sociedade, vale comentar, antes da análise central de nosso estudo, a situação criada pela multiplicação de índices de preços. O nível da taxa de inflação pode depender, em alguns períodos, de qual dentre os diferentes índices de preços disponíveis utilizamos como padrão de medição de preços. Em virtude do caráter generalizado da alta de preços, a construção de índices da inflação apresenta inúmeras dificuldades conceituais e operacionais. De forma geral, o cálculo de números-índices agregativos, seja qual for a natureza do fenômeno que se deseja medir, já se reveste, por si só, de certa complexidade.

Em muitos casos, os índices de preços mostram taxas de variação amplamente distintas e as diferenças podem tornar-se uma questão política. O governo de Ikeda, no Japão, por exemplo, baseava-se nos índices de preços por atacado para mostrar que o rápido crescimento econômico de 1.960-62 não fora inflacionário, enquanto a oposição se baseava nos índices de preço ao consumidor e nos deflatores da renda nacional para mostrar o contrário. De modo geral, mencionando o U.S. Council of Economic Advisers, "um período de estabilidade no índice de preços por atacado tende a ser um período de elevação lenta no índice de preços ao consumidor e no índice implícito de preços para o PNB"[11]. Hoje, é difícil responder a uma pergunta tão prosaica quanto crucial numa circunstância como a brasileira: a de qual foi a inflação em determinado mês. A resposta terá sempre de vir acompanhada de explicações sobre a instituição responsável pelos números, metodologia dos cálculos, prazos de

coleta de preços, ponderações de itens, etc. .

Tamanho proliferação de parâmetros, decerto, não é obra do acaso. Entre outros efeitos nefastos, conjunturas de inflação crônica e elevada originam enorme dispersão de preços. A disparidade se observa seja entre faixas de consumo, seja entre as diversas atividades produtivas. A variação do custo de vida do cidadão, por exemplo, acaba sendo significativamente distinta, para mais ou para menos dependendo do grau de poder aquisitivo e assim por diante. Os indicadores obtido, refletirão com maior ou menor exatidão a magnitude da evolução dos preços relevantes para cada agente à medida que seu cálculo houver sido fundamentado em um número maior ou menor de fatores e de produtos pertinentes, devidamente ponderados com base em sua importância relativa na economia considerada. Obviamente, o indicador que tenderia à perfeição seria aquele que resultasse da verificação dos movimentos dos preços de todos os fatores e produtos relevantes para cada agente.

Como isso não é possível, os agentes devem interpretar os índices de preços. Estas interpretações são responsáveis, em parte, pela dispersão da estratégia dos agentes econômicos quanto à sua política de preços. Esta política, por exemplo, será avaliada levando em conta expectativas sobre a representatividade dos índices de preços em relação às condições particulares de cada agente. A interpretação das informações depende da experiência de cada agente, como também da "disponibilidade ou não por parte do agente de informações interrelacionadas". "Portanto o estoque de

informações existente num certo momento estará sempre desigualmente distribuído", o que ocasiona diferentes decisões por parte de cada capitalista em relação à mesma variação de preços". O que acaba por corroborar com esta dispersão de estratégias é a multiplicidade de mercadorias e de preços que são relevantes para cada agente e as ponderações que devem ser feitas em relação à natureza de sua atividade. Para entendermos as causas de cada estratégia, é necessário compreender seus determinantes e seus vínculos com a variação de preços.

## **5. INFLAÇÃO DE PROCURA**

Um dos ramos principais da teoria de inflação afirma que o nível geral de preços se eleva porque a demanda de bens e serviços excede a oferta disponível ao preços correntes. A causa da inflação é encontrada "nas forças que produzem variações sucessivas para a direita nas curvas IS/LM e, por conseguinte, resulta no que vem a ser uma taxa excessivamente rápida de crescimento no nível da renda monetária.[12]

Se a essa elevação não corresponder uma expansão equivalente da oferta global, os preços tendem a ser pressionados para cima, a taxas consideradas como inflacionárias. Vejamos os argumentos de Keynes, Kalecki, e alguns adeptos da Teoria Quantitativa na caracterização da inflação de demanda.

## **5.1 UM ESBOÇO DA TEORIA QUANTITATIVA DA MOEDA**

A teoria quantitativa da moeda, com séculos de tradição atrás de si, atribuía as alterações nos níveis de preços a mudanças na quantidade de moeda (um estoque). Um aumento neste estoque gera uma oferta em excesso de moeda em relação ao nível de demanda, aos níveis de preços e às taxas de juros correntes, significando procura em excesso de ativos não-monetários.

A teoria quantitativa simples é parte da teoria pré-Keynesiana e se refere a uma economia de pleno emprego. As forças reais de oferta e procura determinam os níveis de produto e emprego: os salários e preços podem flutuar livremente em reação a pressões de mercado, ajustando-se em busca do pleno emprego segundo uma tendência automática. A taxa de salário real se ajusta de modo a igualar a oferta e a procura de mão-de-obra, e o nível de rendimento real.

Se estabelecem-se no nível de pleno emprego. Considera-se a velocidade da moeda muito estável e sujeita a variações insignificantes no curto e médio prazos. O prognóstico central desta teoria é que um aumento na quantidade de moeda provocará um aumento proporcional no nível de preços (a taxa de inflação será igual à taxa de expansão monetária). As variações na renda nominal serão proporcionais a variações na oferta de moeda; e serão, portanto, variações no nível de preços (e não da renda real).

Se a economia está a pleno emprego e a velocidade da moeda é constante, um aumento na oferta de moeda implica um aumento equiproporcional nos gastos totais e, se a moeda se expandir mais rapidamente do que o produto, ocorre um aumento dos preços. Pelo raciocínio oposto, percebemos que o processo inflacionário é detido quando a oferta de moeda para de expandir. A autoridade monetária pode barrar um eventual excesso na taxa de emissão de moeda nova em relação à taxa de expansão do produto e, por decorrência, na taxa de inflação.

A maioria dos pré-keynesianos usou a teoria quantitativa

para sustentar a proporcionalidade a longo prazo entre a quantidade de moeda e o nível de preços. Esta teoria foi desacreditada durante a década de 1.930 por causa de violentas alterações na velocidade de circulação, que ela tratara como aproximadamente constante; em outras palavras, a velocidade da moeda, como uma proporção de renda e ativos ou do volume de renda real e transações, de fato variou extensivamente. Entretanto, "sob pleno emprego" e "a longo prazo", a oferta de moeda era ainda considerada como o principal determinante simples do nível de preços. Uma reafirmação da teoria quantitativa para o curto prazo foi encontrada no trabalho de Warburton[13], que mostrou que mudanças na quantidade de moeda conduzem a mudanças na velocidade (interpretada como desvios da linha de tendência estatística). Warburton considera as mudanças na quantidade de moeda como a determinante das flutuações nos níveis de preços, parcialmente de forma direta ( $\Delta M \rightarrow (\Delta Y \text{ e } \Delta P)$ ), parcialmente de forma indireta ( $\Delta M \rightarrow \Delta V, \Delta V \rightarrow (\Delta Y \text{ e } \Delta P)$ ). Uma posição monetarista típica de após-guerra sobre a inflação é a de Friedman, ao afirmar que o estoque de moeda, ao invés do fluxo de renda, é o principal determinante do nível de preço. Vejamos rapidamente sua definição de inflação.

#### 5.1.1 ALGUMAS CONCLUSÃO DE FRIEDMAN

Segundo a interpretação de Friedman, a doutrina econômica, antes da grande depressão de 1.930, atribuía grande

importância ao estoque de moeda como determinante do nível de renda monetária e do nível do preço. A grande depressão gerou uma evolução nas idéias, difundindo a impotência dos fatores monetários e afirmando que "o estoque de moeda é um acompanhante puramente passivo das variações econômicas e não desempenha papel importante, a não ser pelo fato de poder afetar uma classe limitada de taxas de juros de mercado".

No período do após-querra muitos países seguiram políticas de "dinheiro barato". Segundo Friedman, como resultado, o estoque de moeda e o nível de preços aumentaram. Friedman argumenta:

"Nenhum país teve sucesso em estancar a inflação sem que se tivesse adotado medidas destinadas a restringir o crescimento do estoque de moeda, obteve sucesso em sustar a elevação do preço"[14].

Segundo Friedman, se governo intencionar através de um aumento da inflação elevar o nível de emprego da economia, haverá um aumento cumulativo de preços dificultando a manutenção da relação fixa entre taxa de desemprego e taxa de inflação desejada pelo governo, devido a uma tendência para que a inflação se acelere ao longo do tempo. Um aumento na variação dos salários atrai mais trabalhadores para o mercado de trabalho, pois estes acreditam que seus rendimentos aumentaram. Os empresários contratam mais porque os preços sobem proporcionalmente mais do que os salários. Aos poucos, os trabalhadores percebem que confundiram quantidade monetárias com quantidades reais (ilusão monetária) e pressionarão os capitalistas com intuito de elevar seus

salários nominais e restituir seu poder de compra. Como consequência, da recuperação nos salários reais os capitalistas reduzirão sua procura de trabalho. Com o fim da ilusão monetária os trabalhadores sairão da força de trabalho, e a economia voltará à taxa de desemprego natural, que, para Friedman, é a taxa de desemprego consistente com o equilíbrio no mercado de trabalho. A taxa de desemprego poderá tornar-se inferior à taxa natural se o governo apanhar desprevenido o setor privado e, em particular, os trabalhadores, provocando erros dos últimos no que diz respeito ao comportamento da taxa de salário real. Só assim o governo pode provocar variações no nível de produto e emprego. O equilíbrio no mercado de trabalho é definido em relação à taxa de salário real esperada e o aparecimento de expectativas inflacionárias nas previsões dos trabalhadores e empresários no período de transição (quando o sistema retorna a uma taxa de desemprego mais alta) estabelecerá uma nova relação entre taxa de inflação e taxa de desemprego natural. A suposição de que o pleno emprego se estabelecerá automaticamente mediante variações da taxa de salário real e de que os desvios do pleno emprego são causados por erros de cálculos ou expectativas dos trabalhadores aproxima os monetaristas da Teoria Quantitativa simples. Para Friedman, "a inflação é a consequência de tentativas atuais ou passadas para manter o desemprego abaixo da sua taxa natural"[15]. No longo prazo as autoridades apenas podem escolher o nível de preços em que pretendem que a economia acabe por se estabelecer.

## 5.2 KEYNES (1.936 E 1.940)

Quando, em 1.936, Keynes escreveu a Teoria Geral, o cenário da análise sobre o movimento inflacionário de preços era o desemprego persistente em larga escala. O desemprego é visto como o resultado de uma insuficiência de procura efetiva, e os remédios por ele preconizados tiveram o objetivo de estimular a despesa agregada a fim de conseguir ter pleno emprego sem inflação. Posteriormente, em 1940, na obra intitulada How to Pay for the War, Keynes se preocupou com a gestão de uma economia que, além de estar no pleno emprego, sofria a pressão de excedente da procura efetiva em relação ao rendimento real produzível. O remédio para esta conjuntura, denominada por Keynes como inflação verdadeira, consistia em aplicar políticas para diminuir a pressão da procura.

### 5.2.1 A POSSIBILIDADE DE INFLAÇÃO ABAIXO DO PLENO EMPREGO (KEYNES-1.936)

Na Teoria Geral, Keynes divide a Teoria Econômica em dois enfoques analíticos: a teoria da empresa individual (ou da indústria), em que se supõe que a quantidade

de recursos agregados é constante e que as condições das outras empresas e indústrias não mudaram; e a teoria da produção e do emprego como um todo, para a qual se torna indispensável a teoria completa de uma economia monetária.

Na Teoria Geral, Keynes se abstém de analisar as consequências das variações dos seguintes fatores: a capacidade e a quantidade de mão-de-obra disponível, a quantidade e a qualidade do equipamento disponível, o grau de concorrência, o estado da técnica, os gostos e hábitos dos consumidores, a estrutura social, a desutilidade de diferentes intensidades de trabalho e as forças que determinam a distribuição de renda nacional. Os fatores que Keynes tomou como dados apenas influem parcialmente na propensão a consumir, na escala da eficiência marginal do capital e na taxa de juros, sem determiná-los completamente, permitindo uma análise que despreza suas variações. Devemos focalizar nossas atenções na relação da quantidade de moeda com o volume de emprego e da renda nacional.

Para Keynes o emprego depende das expectativas dos empresários (considerando a atuação do governo como dada), de maneira que as variações de pontos de vista sobre o futuro podem influir na situação presente. Apesar dos monetaristas - especialmente Friedman - rotularem a perspectiva de Keynes sobre a moeda como "essencialmente passiva" (política monetária ineficaz), Keynes considera a moeda sobretudo como "um processo sutil de ligar o presente ao futuro, afirmando que sem ela nem sequer poderíamos iniciar o estudo dos efeitos das expectativas mutáveis sobre as atividades correntes". Para Keynes, o que não

existe é uma relação direta entre a quantidade de moeda e o nível de preços em qualquer conjuntura. Mesmo sobre a ineficácia da política monetária, deve-se relatar o contexto em que tal ineficácia ocorre: num contexto de instabilidade e crise, em que a retração da atividade provoque um processo deflacionário, a demanda por moeda pode estar aumentando (devido a alterações na atitude psicológica relativa à liquidez), fazendo com que a taxa de juros suba ao invés de cair, que seria o resultado normal em condições de "ceteris paribus".

Veremos agora como Keynes analisa o efeito de uma variação na quantidade de moeda sobre o montante da demanda efetiva e sobre o nível de preços.

Keynes argumenta: "Considerando conhecidos o equipamento e a técnica, o nível geral de preços depende, em parte, da taxa de remuneração dos fatores produtivos que entram no custo marginal e, em parte, do volume de emprego"[16]. Devemos considerar que o custo para qualquer indústria depende parcialmente da produção das demais indústrias e que as variações da demanda atuam ao mesmo tempo sobre os custos e sobre o volume.

A título de simplificação, Keynes inicialmente considera três hipóteses para analisar os vínculos de dependência do nível de preços, e posteriormente, examina as possíveis complicações que poderão influir sobre os acontecimentos.

- "As formas de remuneração dos diversos fatores produtivos que entram no custo marginal variam todos na mesma proporção que a unidade de salários".

- "Todos os recursos desempregados devem ser homogêneos e intercambiáveis no que diz respeito à sua eficiência para produzir o que se deseja".

- "Os fatores de produção que entram no custo marginal se contentam com o mesmo salário nominal enquanto houver um excedente deles sem emprego"[17].

Considerando estas três hipóteses simplificadora, teremos rendimentos constantes e uma unidade rígida de custos enquanto houver desemprego.

"Assim sendo, se a oferta permanece perfeitamente elástica enquanto subsiste o desemprego e torna-se perfeitamente inelástica tão logo o pleno emprego é alcançado, e, ainda, se a demanda efetiva varia na mesma proporção que a quantidade de moeda, a teoria quantitativa da moeda pode ser enunciada como segue:

"Enquanto houver desemprego, o emprego variará proporcionalmente à quantidade de moeda e, quando o pleno emprego é alcançado, os preços variarão proporcionalmente à quantidade de moeda"[18].

Devemos examinar, agora, as possíveis complicações que, de fato, influirão sobre os acontecimentos, ao reconsiderarmos as três hipóteses simplificadoras admitidas por Keynes no enunciado acima. O nível geral de preços dependerá então, em parte, da unidade de salários e em parte, do volume de emprego: qualquer efeito de uma variação na quantidade de moeda sobre o nível de preços pode ser considerado como o resultante dos efeitos que exerce sobre a unidade de salários e sobre o

emprego.

"A demanda efetiva não variará em proporção exata à quantidade de moeda". A influência sobre a taxa de juros que uma variação na quantidade de moeda ocasiona no montante da demanda efetiva deriva, numa primeira aproximação, da curva de preferência pela liquidez (que indica quanto a taxa de juros deve baixar para os novos meios monetários sejam absorvidos pelo público), da curva de eficiência marginal (que expressa a proporção de aumento do investimento em consequência de uma queda na taxa de juros) e do multiplicador do investimento (que expressa a repercussão de um acréscimo dado de investimento sobre o montante da demanda efetiva).

As decisões de investir são tomadas com base em expectativas quanto ao fluxo de lucros a ser obtido ao longo da vida econômica útil do ativo fixo, quanto à variação do preços dos equipamentos e quanto à comparação com os rendimentos de outras aplicações. Como o investimento depende de outros fatores que não as taxas de juros, a moeda torna-se um fator secundário (mas relevante) na explicação do investimento e, portanto, na explicação da renda.

A teoria Keynesiana argumenta que, se o multiplicador for estável, podemos predizer as variações na renda a partir das variações no investimento. Variações ascendentes na renda não poderão ser explicadas livremente por variações na oferta de moeda, mas somente podem ser entendidas em termos de todo o complexo dos fluxos de despesa.

Esta primeira aproximação deve ser relativizada por alguns

fatores de complicação. A própria curva da preferência pela liquidez depende de quanto da nova moeda é absorvida na circulação da renda e de produtos industriais, que, por sua vez, dependem da proporção em que aumenta a demanda efetiva e da maneira como se divide este aumento entre a alta de preços, a alta dos salários e o volume de produção e emprego. Além disso, a curva da eficiência marginal depende da influência que o aumento da quantidade de moeda tem sobre as expectativas quanto à futura situação monetária"[19].

Dependendo da futura situação monetária, o capital poderá valorizar-se por intermédio de ativos que não têm relação direta com a produção de mercadorias e com a geração de empregos. Devemos considerar que oportunidades de aplicações serão abertas pela relação da quantidade de moeda com a variação da demanda efetiva, do nível de preços e emprego. Por exemplo: o fato da demanda efetiva estar aumentando progressivamente poderá criar uma situação de lucros extraordinários num determinado mercado.

Finalmente, o multiplicador dependerá do modo como se distribui, entre as diferentes classes de consumidores, a renda nacional resultante do aumento da demanda efetiva. "Haverá determinado volume de aumento no montante da demanda efetiva que, considerados os fatores pertinentes, corresponderá ao aumento na quantidade de moeda e estará em equilíbrio com o mesmo".

Um segundo fator de complicação sobre as relações de

proporcionalidade direta entre emprego, preços e quantidade de moeda é o fato de que os recursos não são homogêneos e de que, portanto, haverá rendimentos decrescentes, e não constantes, à medida que o emprego aumenta. Apesar de não estar inserido na Teoria Geral, é interessante salientar que os rendimentos podem ser constantes numa faixa significativa da capacidade produtiva, de maneira que podemos, apesar da não homogeneidade dos recursos, considerar os efeitos resultantes dos rendimentos serem decrescentes como temporários. A progressiva inelasticidade da função de oferta é teoricamente atribuível à incorporação, ao aparelho de produção da economia, de recursos produtivos menos eficientes à medida que a expansão persistente da demanda agregada leva o sistema a níveis mais altos de oferta. Desta forma, o aumento da produção ocorrerá mediante um custo variável unitário crescente, devido à maior depreciação dos equipamentos, à utilização excessiva da força de trabalho e à queda temporária da produtividade do trabalho com a contratação de novos trabalhadores[20].

Voltando à Teoria Geral, onde Keynes assume rendimentos decrescentes ao formular sua teoria dos preços: "se o salário de certa classe de trabalhadores for uniforme independentemente dos indivíduos, verificamos que o custo do trabalho subirá independentemente da eficiência do equipamento. Além disso teremos custo primário marginais crescentes na medida em que houver um custos primários maior por unidade de produção".

Os recursos não são intercambiáveis e, quando se aumenta a

produção, chega-se sucessivamente a uma série de "estrangulamentos", nos quais a oferta de determinados bens deixa de ser elástica e seus preços têm de subir ao nível necessário para desviar a demanda para outras direções. Nestas condições, uma variação moderada da demanda efetiva, que se apresenta em circunstâncias de amplo desemprego, pode traduzir-se principalmente pelo aumento do emprego e, em menor medida, sobre os preços. Ao contrário, uma variação acentuada da demanda efetiva, diante de progressivos níveis de produção, leva a certos estrangulamentos temporários, influenciando de maneira mais intensa sobre os preços e com menor impacto sobre o emprego.

A análise de Kalecki vem confirmar a posição de Keynes.

Em seu artigo "O que é inflação"[21], Kalecki identifica a inflação com a ocorrência de "consumo excessivo". Quando os níveis de utilização da capacidade existente são elevados, as curvas de ofertas tornam-se muito inclinadas, nessas condições, um aumento da demanda influenciará predominantemente os preços. A existência de considerável capacidade ociosa nas fábricas e trabalho desempregado poderá, diante de um aumento da demanda efetiva, resultar em aumento do emprego e da produção (e em medida desprezível dos preços).

Voltando a Keynes: "A taxa de salários tenderá a subir antes que o pleno emprego seja alcançado". A alta dos salários não variará de maneira inteiramente proporcional à alta de preços de bens de consumo salariais, como no ponto crítico final do pleno emprego.

O fato é que as reações à queda do salário real com o aumento do emprego são determinadas pela psicologia dos trabalhadores e pela política dos patrões e dos sindicatos trabalhistas. É obvio que empresários estarão mais dispostos a ceder quando estiverem fazendo melhores negócios.

As remunerações dos fatores que entram no custo marginal não variam todas na mesma proporção, apresentando graus variáveis de rigidez e diferentes elasticidades de oferta em resposta a variações nas remunerações monetárias oferecidas. Não há motivo para supor, por exemplo, que a unidade de salários varie na mesma proporção que a depreciação do equipamento; o aumento da demanda efetiva provoca uma rápida mudança nas expectativas prevalecentes com respeito à data em que será necessário substituir o equipamento. A duração da vida econômica é influenciada por outros fatores além do desgaste imposto pela variação do grau de utilização do equipamento (determinado pelas variações nas expectativas quanto à quantidade produzida e vendida). "Equipamentos que, do ponto de vista técnico, poderiam continuar operando por muitos anos, podem ter a vida econômica repentinamente abreviada por fatores ligados à concorrência intercapitalista. Por exemplo, quando a introdução no mercado de um equipamento tecnologicamente mais avançado torna impossível a obtenção de lucro com o equipamento antigo. A aceleração, do ritmo no qual o progresso técnico é incorporado a novos equipamentos diminui a vida econômica esperada do equipamento antigo

e acelera sua depreciação"[22]. Certamente o progresso tecnológico não afetará a unidade de salários na mesma proporção.

Considerando os cinco fatores de complicação acima descritos, podemos dizer que os preços, em vez de permanecerem constantes quando existe desemprego e de aumentarem proporcionalmente à quantidade de moeda quando se atinge o pleno emprego, sobem progressivamente à medida que o emprego aumenta. O nível de preços é, então, uma função crescente do nível de despesa, mesmo abaixo do pleno emprego. Quando um novo acréscimo no volume da demanda efetiva não mais produz aumento na produção e se traduz apenas numa alta de custos, em proporção exata ao aumento da demanda efetiva, "teremos alcançado um estado que se pode adequadamente qualificar de verdadeira inflação"[23].

Antes do pleno emprego cada aumento na quantidade de moeda, à medida em que aumenta a demanda efetiva, se traduzirá, em parte, no aumento dos preços e em parte, num aumento da produção. A inflação verdadeira é causada, portanto, por excedente da despesa agregada em relação ao rendimento real possível. Existe um excedente de procura em relação ao produto de economia e este excedente de procura está na origem deste tipo particular de inflação.

O remédio para este caso, denominado "inflação verdadeira", consiste em aplicar políticas para diminuir a pressão da procura, por exemplo, as políticas de restrição fiscal destinadas a promover a redução do déficit orçamentário. Temos, ainda, o

chamado efeito- Keynes, que ocorre quando a oferta nominal de moeda é fixa e o nível de preços ascendente, ocasionando uma contração da demanda efetiva devido à elevação nas taxas de juros, ou pela pura incapacidade de o estoque de moeda existente suportar níveis ainda mais altos de renda monetária. Políticas econômicas que administrem o custo e a disponibilidade de moeda podem reduzir a inflação, pois o aumento de preços requer saldos de transação cada vez maiores devido ao aumento da demanda da moeda.

### 5.2.2 AS CAUSAS DO MOVIMENTO DE PREÇOS NO PLENO EMPREGO

Procederemos agora a uma análise do texto que Keynes escreveu em 1.940, intitulado "How to pay for the war". A conjuntura em que sua análise se desenvolve difere substancialmente da Teoria Geral, a qual, conforme vimos, analisa um movimento inflacionário de preços diante do aumento da produção, abaixo do pleno emprego. Os argumentos para sua elevação estão centrados nos fatores de complicação descritos no item anterior: aqueles que impedem que a demanda efetiva varie em proporção exata à quantidade de moeda, que tornam os recursos não homogêneos (rendimentos decrescentes), e que diferenciam as remunerações dos fatores que estão no custo marginal.

Se estamos em amplo desemprego, o aumento da demanda efetiva

incide principalmente sobre o emprego. À medida que a demanda aumenta, a oferta responde progressivamente com certa defasagem e com estrangulamentos parciais, o que modificará a sensibilidade dos preços em relação a variações na demanda. Os preços se tornarão progressivamente mais sensíveis à medida que a oferta tente, apenas com sucesso parcial, acompanhar a demanda, ou seja, a progressividade da taxa de expansão da demanda se traduzirá cada vez menos no aumento da produção e cada vez mais no aumento dos preços.

No texto de 40 encontramos, diferentemente do texto de 36, numa situação que tende ao pleno emprego. O texto é escrito em circunstâncias de guerra, o que fez com que o governo aumentasse substancialmente sua demanda por mercadorias, adquirindo-as antes do público em geral e restringindo o poder do público de converter mercadorias sua renda monetária.

Com o esforço de guerra a economia atinge o pleno emprego. A renda nominal aumenta, mas a parcela da produção disponível para os gastos privados iguala o nível do pré-guerra, podendo mesmo ser inferior a ele. Mesmo descontada a poupança voluntária, há um excesso de renda disponível para o gasto - um excesso de demanda.

O aumento do consumo real está suspenso até o fim da guerra, certa parte do dinheiro no bolso de cada indivíduo perde seu potencial de se converter em mercadorias. O consumo de alguns será aumentado apenas em detrimento de outros.

A renda nominal (que agora é excessiva) estava em equilíbrio com a oferta antes da restrição do consumo real. O

nível de preços, então, deverá variar para equilibrar o volume de bens a ser comprado ao excedente da renda nominal excessiva que os agentes desejam gastar. Haverá um aumento de preços, que deve ser proporcional ao valor do "excedente-renda" impossibilitado de se materializar em consumo. As mercadorias teriam menor valor nominal se não houvesse um desejo generalizado de comprá-las. A quantidade de mercadorias que poderiam ser adquiridas com uma renda nominal menor, observará o total da renda nominal disponível ao ser comprada com os preços mais altos. À medida que a renda nominal vai sendo gasta, ocorre uma "transferência de renda" para as mãos dos donos das mercadorias que forem compradas, restringindo a "posse" do "excedente renda" que estava em poder do público, a esta categoria particular de agentes. O que causa a transferência é a decisão de gastar o excesso da renda nominal na aquisição das mercadorias disponíveis a preços inflacionados. Estes capitalistas terão uma menor propensão a consumir do que o público, em geral; além disso parte da sua renda estará sob a forma de lucros das empresas (que não o distribuirão indiscriminadamente) parte será arrecadada pelo governo (os capitalistas devem estar sujeitos a alíquotas mais elevadas do imposto de renda). Desta forma, apenas uma pequena parte desta renda nominal será direcionada às mercadorias que tiveram seus preços aumentados pelo ajuste do desequilíbrio anterior entre oferta e demanda, o que diminuirá a intensidade deste desequilíbrio num segundo momento e, conseqüentemente, a taxa de inflação. A inflação tenderia a desaparecer se não

fosse pelo seguinte fator: houve um aumento de preços em relação aos salários. Com este aumento de preço das mercadorias os trabalhadores desejam aumentar seus salários nominais para reconstituir seu poder de compra (como os capitalista recebem ganhos extraordinários, não haverá forte oposição contra a elevação de salários). Se os trabalhadores obtêm reajustes, será gerada uma tendência à realimentação do processo de elevação dos preços conhecido como "espiral viciosa". O percentual de recuperação do poder de compra dos trabalhadores e o conseqüente nível de seu fluxo de consumo, assim como, o nível de consumo dos capitalistas condicionará o ritmo da taxa de inflação. Desta maneira, quanto maior for a propensão psicológica a consumir da comunidade, maior será a necessidade de elevação dos preços em relação aos salários. O processo inflacionário se consolidará se o aumento do nível de preços em relação aos salários continuar indefinidamente, assim como a tentativa "reflexa" dos trabalhadores de aumentar seus salários nominais. Nesta circunstância, o fluxo de consumo nacional estará determinando o nível de preços.

Na conjuntura particular que estamos analisando (economia de guerra) há necessidade do financiamento de gasto do governo na ausência de política apropriada. Os capitalista são os detentores da renda nominal que foi impossibilitada de se materializar, e que chegou às suas mãos via aumento dos preços (supondo que o público decidiu gastar o excedente de sua renda nominal). Os

capitalistas serão a única classe que, diante da impossibilidade de aumentar o consumo real, terão o "excedente-renda" remunerado no futuro, pois serão os únicos credores do governo. Desta maneira, se desejarmos uma forma socialmente mais justa de restringir o gasto até o fim da guerra, devemos, segundo Keynes, instaurar uma poupança compulsória. Keynes sugere, ainda, que o percentual do empréstimo compulsório seja relativo ao nível de renda de cada indivíduo (bloqueando-se uma parte da renda sob depósito) e que este "poder de gasto suspenso" seja liberado progressivamente em "parcelas" depois do fim da guerra.

Devido à importância dos argumentos e à dificuldade de entender sua construção, achamos conveniente acompanhar um trecho do original em detalhes. Acreditamos que a proximidade com o autor proporcionará um ambiente envolvido em circunstâncias reais, tornando a análise mais nítida.

Segue em anexo a tradução do texto que achamos relevante.

**KEYNES, J.M.(1.940)- How to pay for the war- IN THE COLLECTED WRITINGS OF JOHN MAYNARD KEYNES, VOL IX - MACWILLAN, 1.972**

Não há nenhuma dificuldade em pagar o custo da guerra com poupança voluntária, desde que nós concordemos com as consequências. Aí está o perigo. Um governo que controle os bancos e o sistema monetário sempre pode achar o dinheiro com que pagar suas compras de bem produzidos no país. Depois de deduzir a receita dos impostos e das reservas estrangeiras usadas para pagar o excesso de importações sobre as exportações, o saldo dos gastos governamentais fica nas mãos do público na forma de poupança voluntária. Isso é uma certeza aritmética; se o governo retirar os produtos que correspondem a uma proporção da renda ganha pelo público, não há nada em que esta proporção da renda possa ser gasta. Se os preços sobem, as receitas extras aumentam as rendas de algumas pessoas, de forma que sobra tanto quanto antes.

O argumento é de tal importância e tão pouco entendido, que vale a pena segui-lo em detalhes.

Vamos supor que o valor da produção do país estou tomando números arredondados perto dos fatos. e simplifico Mas simplifico a ilustração ignorando a diminuição do capital como fonte para os gastos dos governo é £5.500 milhões aos preços do pré-guerra, que as rendas individuais (incluindo as transferências) perfazem £6.000 milhões, que a receita dos impostos é de £1.400 milhões e que nós suplementamos nossa própria produção pela importação de £350 milhões além do que exportamos, pagos com reservas estrangeiros ou empréstimos estrangeiros, o que os gastos do governo, também medidos aos preços antes da guerra, totalizam £2750 milhões, ou seja,

£2200 milhões excluindo as transferências. Após a dedução de £1.400 milhões pagos em impostos, os indivíduos ficam com £4.600 milhões que estão livres para gastar como desejarem. Mas como que o governo já havia comprado £2250 milhões da produção, só restam £3250 milhões (£5500-£2250 milhões) em mercadorias (pelos preços de antes da guerra) que sobrarão para o público adquirir com a renda remanescente de £4600 milhões. Se o público voluntariamente poupa £1350 milhões, ou seja toda a diferença entre a renda de £4600 milhões e o valor das mercadorias disponíveis, quer dizer, £3250 milhões aos preços pré-guerra, obviamente o problema está resolvido. Eles terão justamente a quantidade certa de mercadorias disponíveis para satisfazer a demanda sem qualquer aumento dos preços.

Mas se as circunstâncias forem tais que o público não escolha poupar os £1350 milhões, o sistema que financia a guerra pela poupança voluntária vai quebrar? Certamente que não, pois na última guerra usamos o sistema voluntário com sucesso. Porém como os preços subiram mais do que os salários, segue-se que a prontidão do público par poupar não pode ter sido suficiente para satisfazer as condições acima descritas. O que acontece então? Como se explica este paradoxo?

Vamos supor que, em lugar de poupar os £1350 milhões necessários, a poupança voluntária do público, num primeiro momento, seja só de £700 milhões, e que os indivíduos tentarão gastar o resto de suas rendas, isto é, £3900 milhões, em bens que valem só valem apenas £3250 milhões, aos preços do pré-guerra. Obviamente os preços terão de subir 20% para

equilibrar oferta e demanda; isso porque os bens valerão então £3900 (£3250 milhões + £650 milhões), o que iguala exatamente o gasto desejado. E mais, esses que venderam por £3900 mercadorias, que só custam para eles £3250 milhões, terão saldo de £650 milhões a mais, como uma renda extra não gasta., justamente o montante de que o governo necessita.

Logo virá a tona, entretanto, que isso resolve o problema apenas momentaneamente. Isto porque não temos razões para esperar que o total do lucro não gasto e inesperado de £650 milhões representará à poupança permanente. Um certo tempo passará antes que esta soma alcance aqueles que têm o direito de gastá-la. Mas no próximo período por assim dizer, será adicionada ao total que potencialmente podem ser gastos, de forma que teremos rendas de £5250 milhões (£4600+£650 milhões) encarando produtos que, considerada a continuidade de 20% de aumento dos preços, só valem £3900 milhões. Entretanto vai ser impossível para o governo manter baixos os preços de suas próprias compras se os preços nos mercados abertos aumentamram 20%. Assim encontramos-nos na mesma situação que antes, com uma substancial discrepância entre o montante do dinheiro que o público está preparado para gastar e o valor (do novo nível de preços, a 20% mais alto que o anterior) das mercadorias disponíveis para comprar. Um aumento dos preços será necessário para dar um fôlego temporário.

E assim por diante, felizmente esse não é o quadro completo do segundo capítulo dessa história. Se assim fosse, o sistema de poupança voluntária não teria tido êxito, e nós

deveríamos ter enfrentado uma progressiva elevação de preços sem limite. Porém não é isso que aconteceu na última guerra. E também não é provável que aconteça desta vez, mesmo que adotemos a mesma política de depender da poupança voluntária.

Então, qual será o qual curso dos eventos? O aumento inicial de preços será verificado em mercadorias que foram produzidas ao nível menor de preços do pré-guerra, e os lucros resultantes vão pertencer, como vimos, aos possuidores destas mercadorias. Isso quer dizer que as rendas agregadas vão de fato subir £650 milhões (além do efeito de qualquer aumento no preço das mercadorias compradas pelo governo), mas não que a renda de todos aumentará na mesma proporção, se é que chegará a aumentar. O aumento inicial de renda irá pertencer principalmente a uma classe limitada de indivíduos, de empresas comerciais e industriais negociantes e de industriais, que (sem intensão de insultar, pois isso não se deve a seu erro ou intenção) nós podemos chamar, para simplificar, "beneficiados". Estes estão sujeitos a pagar uma taxa de imposto muito alta, tanto por conta do imposto sobre lucros excessivos e também porque, muitos deles serão suficientemente ricos para estarem sujeitos a uma alta taxa e sobre-taxa de impostos sobre a renda. Assim os "beneficiados" tornam-se, por assim dizer, os "arrecadadores" de impostos para o Tesouro Nacional. Mais da metade (mais de 3/4 em alguns casos) destes £650 milhões serão pagos como impostos. Além disso, é provável que uma porção considerável do saldo, seja voluntariamente poupada; não tanto pelo fato de que os beneficiários, sendo relativamente ricos,

pouparão mais prontamente, mas pelo fato de os lucros vão pertencer principalmente as companhias, que não estarão propensos por vários motivos, a distribuir a maior parte dos lucros sob a forma de dividendos mais altos, mas preferirão, nestas circunstâncias, poupá-los, com benefício dos acionistas. Só uma pequena parte dos £650 milhões (ou esse número aumentado conforme preços mais altos que o governo possa pagar para seus próprios propósitos) que vão chegar no mercado de consumo no segundo turno. Em lugar de outros 20% de aumento dos preços sejam necessários para preservar o equilíbrio, pode ser que um aumento de 2% ou 3% seja suficiente. Neste caso, um modesto aumento do imposto para o público em geral será suficiente para desestimular um novo aumento de consumo dos "beneficiados", e evitar a necessidade (se não fosse o que vai seguir em um momento) de um futuro aumento dos preços além dos 20% iniciais.

Infelizmente, isso ainda não é a história completa; pois agora nós fomos indo para o outro extremo, tendo escorregado em um hipótese muito menos problemático do que os fatos. Nós supusemos que, a despeito do aumento de 20% nos preços, os trabalhadores se contentem com o mesmo salário monetário que antes; e assim os "beneficiados" continuaram a lucrar £650 milhões no segundo turno e a atuar como arrecadadores de impostos para o Tesouro Nacional na mesma escala que antes, sem a ajuda de qualquer aumento adicional dos preços. Mas, de fato, os trabalhadores vão pressionar por salários mais altos com sucesso pelo menos parcial, isso porque os empresários

mostrarão muito menos resistência do que o usual para aumentar os salários. A escassez de mão-de-obra os forçará a concordar se eles desejarem manter seus trabalhadores; e, como que o governo estão extraíndo como taxaço 75% dos lucros extraordinários, não será muito oneroso repartir os ganhos com os empregados e funcionários assalariados. Se, de fato, salários e outros custos monetários subissem na mesma proporção do custo de vida, iríamos enfrentar, como antes, uma inflação ilimitada, avançando a 20% de cada vez - o processo geralmente conhecido como "espiral viciosa".

Mas ainda temos mais uma carta para jogar. Alguns custos são fixados por lei ou por contrato, assim a classe dos rentista e pensionistas, que têm suas rendas monetárias fixas, não podem escapar do sacrifício. O ajuste dos salários (e similares) toma tempo. Toma tempo e, às vezes, tempo considerável, até que os ajustes sejam feitos, ainda que haja pressão suficiente para fazê-los inevitáveis mais cedo ou mais tarde. Sãdesse tempo de espera e outros impedimentos que podem nos salvar. Guerras não duram para sempre. Salários e outros custos correrão atrás dos preços e assim os preços vão sempre (nas suposições acima) estarão sempre 20% à frente. Quanto sejam aumentados os salários, no ato de gastá-los sempre empurrará para cima os preços na mesma proporção.

Se no fim de seis meses os salários e outros custos tiverem aumentado de 10% em média, os preços terão subido 32%(120% de 110%). Se no fim de 2 anos os custos tiverem aumentado 40%, os preços terão aumentado 68%(120% dos 140%).

Assim, afinal, o sistema de poupança voluntária terá operado com êxito. Isto é, o dinheiro terá sido obtido "voluntariamente", sem um aumento de preços ilimitado. A única condição para este sucesso é que os preços devam aumentar relativamente aos salários até o ponto necessário para desviar a parte adequada da renda dos trabalhadores e de outros rendimentos para as mãos dos "beneficiados" e assim nas mãos do Tesouro Nacional, principalmente na forma de impostos e parcialmente de poupanças voluntárias extras dos "beneficiados".

Quanto ao maior montante da poupança voluntária neste estágio, melhor, naturalmente, para todo mundo. Se campanha de Movimento Nacional de Poupança aumenta o volume de poupança voluntária, o aumento necessário dos preços relativamente aos salários será correspondentemente menor. Vamos voltar à nossa ilustração aritmética. Começamos com excesso de rendimentos gastáveis sobre a oferta disponível mercadoria de consumo avaliados pelos preços pré-guerra, perfazendo £1350 milhões e supusemos que £700 milhões destes foram poupados voluntariamente. Isso deixou £650 milhões, ou 20% acima da oferta disponível de mercadorias com preços pré-guerra.

Mas se o Movimento Nacional de Poupança tivesse êxito em aumentar o montante da poupança voluntária em (digamos) £100 milhões, perfazendo £800 milhões no total, em lugar dos £700 milhões, o excesso dos rendimentos gastáveis seria reduzido para £550 milhões ou aproximadamente 17% sobre a oferta disponível, a preços do pré-guerra. Neste caso,

podemos chegar a um equilíbrio com um aumento nos preços de 17% (em lugar dos 20%) acima do aumento nos salários em outros custos.

O aumento de poupança voluntária é totalmente benéfico. Nada pode ser dito contra isso, com exceção de sua inadequação. A pergunta que se faz para o indivíduo é se ele preferiria ficar £2 libras mais rico pelo adiamento do pagamento, e não ter inflação de preços ou ficar £1 libra mais rico pela poupança voluntária, e sofrer inflação, com as consequências social desfavoráveis. Para o indivíduo, (se não pertence à classe de beneficiados) a resposta é certamente óbvia. Ele tem certeza de que ganhará com o sistema de adiamento. É como se perguntássemos a ele se preferiria ter uma lei compulsória do tráfego com poucos acidentes e sem congestionamento, ou um regulamento voluntário com muitos acidentes e muitos congestionamentos.

Para o Tesouro Nacional e para os contribuintes futuros a resposta não é tão óbvia. O sistema de pagamento diferido - e igualmente um sistema de sucesso de poupança voluntária - vai deixar-nos com maior dívida nacional, medida em valores reais, do que se nós adotarmos o método imperfeito de poupança voluntária suplementado pela inflação. Isso porque a inflação é um poderoso arrecadador de impostos. Mas o Tesouro Nacional e os futuros contribuintes só precisam continuar em dívida se esperam que o nível de preços alcançado pela inflação continue permanentemente. Isso porque a Dívida Nacional sob sistema inflacionário será provavelmente menor em

termos de dinheiro do que sob o sistema de poupança compulsória; de forma que se os preços subsequentemente caem de volta os benefícios da inflação se mostrarão ilusórios, mesmo para para o Tesouro Nacional.

Portanto é bastante verdadeiro que em última instância, o montante da poupança, necessária para compensar os gastos do governo, depois de considerar permitido a receita tributária, pode ser sempre obtida pela poupança voluntária. Mas se este é um bom nome é uma questão de gosto. Trata-se de um método compulsório para converter a parte apropriada dos ganhos do trabalhador, que ele não poupa voluntariamente, em poupanças voluntárias e imposto do empresário. "Nós dependemos de um sistema voluntário" é uma outra maneira de falar "nós dependemos de uma inflação na medida do necessário". Sir Robert Kindersley, na sua Campanha de Poupança, poderia argumentar o seguinte.

O governo precisa de dinheiro. Mas este é um país livre. Por isso alguém deve poupar voluntariamente. Se você (e seus amigos) não fazem isso, o montante necessário vai ser tomado compulsoriamente do valor real de seus ganhos por meio de preços mais altos e entregue aos "beneficiados"; e eles vão poupar voluntariamente (a parte que eles não paguem como impostos compulsórios). Desta maneira, nós evitaremos qualquer desvio, que seria uma anátema para a city, do sistema voluntário.

Embíguo como possa ser, como uma defesa dos princípios da liberdade, poderia ser como um argumento sólido e convincente para o trabalhador em favor de um aumento

na poupança, se não fosse por uma falha. Um indivíduo não pode se proteger, das consequências da inflação por meio de um aumento da poupança se os outros não seguem sem exemplo; da mesma forma como ele não pode se proteger dos acidentes abedecendo o regulamento do trânsito se os outros não tomam conhecimento do mesmo. Nós temos aqui uma oportunidade perfeita de ação social, onde todos podem ser protegidos ao tornar universal certa norma de comportamento.

Esta análise sobre como a inflação opera é fundamental. É bastante simples. Porém não é entendida por todos - pela razão surpreendente talvez, de ser relativamente nova. Os economistas a pensar se esclareceram o assunto (embora seja um caso muito mais simples do que acontece em tempos de paz quando, em lugar de um teto máximo de produção, nós devemos considerar o efeito de flutuações no emprego) no último quarto do século; isto é, desde que aqueles que agora estão no poder adquirem seus dogmas. Durante a guerra anterior eu estive no Tesouro Nacional. Mas eu nunca ouvi naquele tempo nosso problema financeiro discutidos nestas linhas.

### 5.3 O PROCESSO DA "ESPIRAL AUTOGERADORA" (KALECKI)

ERRO DE IMPRESSÃO

" A inflação é definida, às vezes, como uma situação na qual um aumento efetivo (em dinheiro) da demanda por mercadorias

### 5.3 O PROCESSO DA "ESPIRAL AUTOGERADORA" (KALECKI)

A inflação é deflacionária, às vezes, como uma situação de equilíbrio (aumento efetivo (em dinheiro) da demanda por mercadorias não acompanhado por um aumento equivalente da oferta) (14).

Constatando, existem outras causas que podem levar a inflação, mas que não são inflacionárias! Kalecki argumenta que durante períodos de recessão devido a desvalorização da moeda ou a um aumento da taxa de juros, seguido por aumento de preço e uma economia por razões similares não será início ao processo do tipo "espiral auto-geradora", para o qual se reserva geralmente o termo inflação.

Mesmo que venha a condicionar aos uma distribuição desigual das mercadorias não possa ser satisfeita pelo crescimento da oferta, não provoca sequer quando a conciliação de um processo inflacionário e de recessão. Embora quando os salários nominais não se mudam, os preços reais não conseguem "lançar" os preços e os salários "espiral" inflacionária. Se taxa de juros não conseguir a redução da oferta em que se encontra antes do aumento da oferta, devido a desvalorização da oferta de bens de consumo em equilíbrio, o período de recessão que se inicia não é capaz de superar a tendência de aumento da oferta e se a produção de bens de consumo não é capaz de acompanhar o aumento da demanda, os preços se desvalorizam, os salários aumentam e a oferta se expande predominantemente ao aumento da demanda. A inflação é gerada nos salários e no preço de mercadorias, devido a desvalorização da oferta em equilíbrio com a oferta.

Para a empresa tentar aumentar o nível de consumo, ela pode optar por uma estratégia pela redução do consumo de que se deriva um aumento de salários. haverá a formação de uma espiral viciosa donde os aumentos da parte fortemente ascendente da curva de oferta de salários e que a queda resultante no nível de salários levará a uma espiral pelas inelasticidades, que passará a depender de outros ajustes salariais. O aumento nas taxas de salários nominais, que produzirá níveis elevados nos preços, pois renova o processo inflacionário pelo aumento nominal do emprego. Para com o aumento inflacionário se conserte, a causa da elevação dos preços advém da introdução acima descrita, e não variações continuadas (por exemplo devido às matérias-primas importadas) ou aumentos de produtividade ao longo de curvas de oferta "avemente" ascendentes, a que não poderia ser compensada por uma queda significativa dos salários, mas que a taxa de salários real tornasse expressiva quanto às produções significativamente acima do valor correspondente à oferta nominal entre preços e custos primários. Os fatores entravados e citados são fato de ter havido um descolamento dos preços em relação aos custos, porém se os custos como medida de produtividade não se alterarmos a situação segundo Friedki, devemos considerar também que fatores de produção e consequentemente de produtividade, a diferença de bens de consumo dos trabalhadores, com a queda da produtividade e alguma vez ou progressiva da taxa de salários real.

Esta abordagem tem a vantagem de não recorrer apenas a fatores globais, mas também aponta em que setores da economia são os responsáveis. Isto é muito importante do ponto de vista de medidas de combate ao problema. Segue-se diretamente daí que a taxa de salários

“... não, em geral”, conforme tratar com “inflações” e “...  
paradoxos de mercadorias, e isto pode ser feito através de “...  
...” [15]. Para evitar a inflação é necessário manter o equilíbrio nos setores da economia que o estão utilizando.  
... oferta é deficiente. O racionalismo deve ser  
suficientemente abrangente para impedir a propagação da inflação de  
... para outros estabelecimentos e consequentemente  
... de mercadorias existentes, e assim, com  
... o consumo das mercadorias que estão sendo oferecidas, por  
... com a demanda. Se as políticas de restrição que são  
... com elas, uma parcela de renda é perdida  
... e não afeta o consumo, a pressão sobre o  
... e o aumento dos preços  
... o consumo global, significativamente,  
... em que está havendo deficiência de  
... oferta, via restrição do consumo global, evitando assim a  
... nestes setores e/ou a distribuição de renda  
... (inflação real).

## 5.4 UM COMENTÁRIO SOBRE OS DETERMINANTES DA VELOCIDADE E DA ESTABILIDADE DO PROCESSO INFLACIONÁRIO

De fato, ao tender a analisar "as evoluções da taxa de inflação, como de análise dos efeitos substanciais de variações diferenciadas, em conexão com a teoria keynesiana em termos dinâmicos" (26), Ieri, em sua obra, destinou-se principalmente a verificar os determinantes da velocidade e da estabilidade do processo inflacionário. Uma vez iniciada a análise do processo, se dá, quando é atingido um novo e estável nível de preços, ou continua indefinidamente a atingir o nível de preços determinado pelas condições financeiras:

Os estudos que se fizeram a abordar, verificando-se através da investigação o comportamento da curva de demanda agregada, a influência do nível agregado e os níveis de preços sucessivos, na medida em que há um ajuste entre a demanda e a oferta, é ampliado ou estreitado, em consequência das alterações dos preços reais, da política monetária, da taxa de progressiva, das defasagens, etc., e do comportamento dos consumidores, dos empresários e do governo. A estabilização só é alcançada eventualmente se a taxa de preços, em vez de variar, para reduzir a demanda destas economias a fruição dos produtos, não se aprofunda, quando se trata de consumo real, como resultado do aumento da renda real, e do nível de preços, consequentemente, do aumento do nível de preços, como uma função de nível inflacionário, como a taxa de preços real com que o consumo real varia, como resultado da mudança na duração da vida e da vida de consumo, a seguir é uma tentativa de estabelecer o nível inflacionário real, com outros fatores, etc.

saldo não zero e produto real, a deriva do consumo real em  
equilíbrio que surge a partir do novo equilíbrio

A questão da estabilidade do processo inflacionário, tal  
abordado por Keynes em "How to Pay for the war", Keynes afirma  
existência de mecanismos de valor nominal fixo de longo prazo  
que os equívocos do equilíbrio nominal tornam confusos, mas não afetam  
processo inflacionário.

## 5.5 UMA ANÁLISE MICROECONÔMICA DA INFLAÇÃO DE DEMANDA

Ao procedermos à nossa investigação, devemos identificar o que está ocorrendo com os fluxos de gasto nominais, relacionando-os sempre com a variação de preços. Mesmo que possamos concluir que houve uma variação positiva nos fluxos de gasto e renda nominais, não saberemos o que ocorre com a produção e o emprego se não observarmos o movimento dos preços. Por exemplo, um aumento da renda nominal pode ocorrer em meio a uma elevação de preços que mantenha inalterado os níveis de demanda dos agentes. Para que esta variação na renda nominal represente uma variação efetiva de fluxo de riqueza, deve haver variações no fluxo de mercadorias vendidas. "O poder de compra do fluxo nominal de renda de um agente - sua renda real - depende dos preços considerados por ele como relevantes"[25].

Quanto mais desagregada a análise mais nitidamente conseguimos focalizar o mercado de bens, e maior será o campo de especificidades relevantes a serem ponderadas para formularmos a origem das causas do aumento de preços por excessivas decisões de gasto. Se formos capazes de explicar os determinantes da oferta e demanda pelos vários tipos de bens, relacionando-os com suas respectivas estruturas de mercado e com a conjuntura vigente em cada caso, estaremos explicando também como um aumento progressivo de demanda

repercute nos preços em cada cadeia produtiva. Queremos demonstrar que não há necessidade de estrangulamentos na oferta pela proximidade do pleno emprego ou da presença de rendimentos decrescentes quando a produção aumenta abaixo do pleno emprego para que o aumento da demanda provoque elevação nos preços.

Dependendo da natureza da estrutura de mercado e da interação dos mercados numa cadeia produtiva em determinadas conjunturas, o aumento da proporção de estoques colocados a venda ou da quantidade produzida, estimulado pelo aumento de demanda, poderá por interação, aumento dos preços.

Por que os agentes desejam, a partir de um certo momento, aumentar seus gastos num tipo específico de mercadoria?

Quais seriam as particularidades estruturais e conjunturais relevantes dos mercados para que sua interação numa cadeia produtiva eleve os preços?

Devemos observar que a interação entre os mercados não eleva os preços apenas condicionado pelo aumento de demanda. A pressão da demanda é apenas o contexto conjuntural que escolhemos para nossa análise.

Entretanto, uma discussão sobre os determinantes da oferta e demanda em cada um dos mercados seria demasiado complexa. Para nossos propósitos é conveniente agregar as cadeias produtivas que convergem para a produção de mercadorias cuja demanda apresente características semelhantes. Desta forma, caracterizaremos e analisaremos a interação de dois tipos básicos de mercados: um que opera com preços flexíveis ("flex") e outro com preços fixos ("fix").

A questão principal consiste em discutir de que forma variações nos gastos afetam os preços e quantidades. Nestas duas estruturas de mercado distintas e como sua interação poderá justificar o aumento de preços (pressionados pela demanda).

Os impactos da demanda sobre os preços e quantidades podem ser analisados com perspectivas distintas. Se estivermos interessados no seu impacto imediato, deveremos analisar os formatos das funções de oferta e demanda no período de venda do estoque disponível de mercadorias. Devemos considerar a possibilidade de variações na quantidade produzida e na capacidade produtiva instalada à medida que nosso horizonte temporal se amplie suficientemente.

Na caracterização das estruturas de mercado, deve-se explicitar que a reação das firmas ao aumento da demanda será diferente segundo o tipo do processo mediante o qual se dá o ajuste entre oferta e demanda, e, ainda, procurar entender como a pressão da demanda se divide entre a alta de preços, a alta de salários e o volume de produção e emprego em cada mercado.

Na maior parte dos mercados é possível identificar a predominância de um tipo de processo de ajuste entre oferta e demanda, onde a maior parte dos capitalistas reage a variações na demanda de forma parecida. Outro fato relevante é a persistência no tempo do processo predominante, que pouco é afetada pelas frequentes alterações em variáveis com o nível da demanda e grau de utilização da capacidade (podemos chamar conjunturais a essas variações). "Isto sugere que a natureza do processo de ajuste deva ser considerada, em certa medida, uma

propriedade do mercado, e não simplesmente uma escolha arbitrária de cada capitalista"[26].

Desta maneira teremos um impacto da demanda distinto em relação aos produtos industriais em oligopólios, aos produtos industriais em mercados com baixas barreiras à entrada, aos produtos primários e ao mercado de direitos, onde a natureza do processo de ajuste é determinada pela elasticidade-preço da oferta. Esta, por sua vez, decorre, então, de elementos estruturais dos mercados, como as características da mercadoria e do processo produtivo. Depois de caracterizarmos estas estruturas de mercado em particular, analisaremos sua interação em uma cadeia produtiva considerando quatro possibilidades de influência entre os mercados segundo sua posição na cadeia. As interações diretas que serão evidenciadas são: "mercados flex-flex" e mercados flex-fix".

#### 5.5.1 MERCADO DE PREÇOS FLEXÍVEIS

Os mercados de preços flexíveis englobam os produtos primários (agrícolas e minerais), os mercados de direitos e os mercados de produtos industrializados com baixas barreiras à entrada. Os mercados industriais oligopolizados, que são, em geral, mercados de preços fixos, quando tendem ao pleno emprego podem se comportar como mercados flex.

Nestes mercados a sensibilidade dos preços em reação a variações na demanda é elevada. Quando as mercadorias são postas

à venda, ou seja, quando o nível de oferta é decidido para um período, o confronto com a demanda é que determina tanto os preços quanto as quantidades transacionadas. O preço esperado depende das expectativas quanto à dinâmica do confronto entre oferta e demanda a cada período de operação.

"Dado os custos e a taxa de lucro desejada, a decisão de produzir mercadorias é tomada em função de um preço esperado cujos determinantes variam significativamente conforme o mercado"[27].

Vejamos um exemplo do aumento da demanda nesta estrutura de mercado. Suponhamos uma variação positiva da demanda num mercado flex com curva de oferta vertical: os preços aumentarão em igual proporção à demanda e a renda real não será alterada, pois o aumento da renda nominal dos ofertantes será compensada pela queda do poder de compra dos demandantes da mercadoria.

Apesar da sensibilidade dos preços ser elevada em relação a variações na demanda, nem todo aumento de demanda produz aumento de preços. Devemos considerar as conjunturas em que haja correspondência entre aumento da demanda e aumento de preços. Por exemplo:

- "há frustração positiva" das expectativas de curto prazo as previsões subestimaram o aumento da demanda (ou, por outra, haviam apontado no sentido de sua queda);

- o aumento da demanda é corretamente previsto. Como a curva de oferta no período de produção é inclinada, os preços aumentam"[28].

Em conjunturas distintas o aumento da demanda pode apenas

reduzir a velocidade de queda dos preços. Vejamos algumas situações em que isto poderia ocorrer:

- " as expectativas de curto prazo superestimaram o aumento da demanda. O aumento da oferta é proporcionalmente maior do que o da demanda e ocorre "frustações negativas" das expectativas;

- o aumento da demanda, embora tenha sido corretamente previsto, dá-se após um ou mais períodos curtos em que a "frustração negativa" das expectativas conduziu à formação de um nível de estoque tido como excessivamente elevado;

- devido as expectativas pessimistas quanto ao comportamento futuro ou a um aumento do custo de manutenção dos estoques, o nível destes passa a ser percebido como excessivamente elevado"[29].

Devido a estas variações conjunturais, a dinâmica de preços e quantidades nos mercados flex torna-se demasiado complexa. Um aumento da demanda que aumente preços poderá, nos períodos seguintes, fazê-los cair se a oferta for aumentada excessivamente. Este excesso da oferta acompanhado da diminuição nos preços, por sua vez, poderá levar posteriormente a uma contração da mesma e a uma aumento na demanda, e assim sucessivamente.

Nos mercados flex, fatores estruturais impedem uma "correlação estável entre variações da demanda e variações nos preços", pois sua dinâmica estará condicionando a aspectos conjunturais e às expectativas quanto sua evolução.

Posto que podem haver mudanças nas decisões dos agentes que alterem a sensibilidade da relação "preços-demanda", só

podemos afirmar que, em mercados flex, o aumento da demanda("ceteris paribus") produz uma "tendência altista" - o que pode envolver desde o aumento efetivo do nível de preços à diminuição da velocidade com que estes estão caindo. Vejamos uma exemplificação desta dinâmica entre conjuntura, mudanças nas decisões e nas expectativas dos capitalistas neste tipo de mercado.

Suponhamos que as expectativas dos empresários sejam de uma alta nos preços em relação aos custos( expectativas quanto as diminuição nos custos de manutenção dos estoques teriam efeito semelhante). Ao preço vigente, eles diminuirão à quantidade ofertada em relação a quantidade produzida pois formarão estoques na expectativa de maiores lucros no futuro. "Há um deslocamento para a esquerda nas curvas de oferta no período de operação do mercado, produzido por uma maior taxa de lucro desejado". Se estas expectativas se difundem, haverá, ceteris paribus, uma tendência à elevação do preço de mercado no período corrente. Se as expectativas dos demandantes for de alta nos preços também, eles " adiantarão " suas compras, impulsionando ainda mais os preços pelo deslocamento para a direita das curvas de demanda.

Existem muitos mercados flex que se caracterizam por haver um volume de estoques superior à quantidade de mercadorias que se produz de cada vez. As decisões dos possuidores de estoques imprimem a dinâmica destes mercados(por exemplo os mercados de direitos) e o preço esperado dependerá, nestas condições, das expectativas quanto à dimensão dos estoques existentes e quanto

à política que será desenvolvida por seus possuidores<sup>1</sup> durante o período em que as mercadorias estão sendo colocadas a venda.

Neste período, encontramos-nos diante de uma curva de oferta positivamente inclinada: maior a demanda, maior será o o preço e quantidade ofertada, assim como uma variação negativa da demanda reduzirá tanto o preço quanto a quantidade ofertada.

-----  
1- que não são necessariamente produtores de mercadorias e ora atuam como ofertantes ora como demandantes.

## 5.5.2 MERCADOS DE PREÇOS FIXOS

A rigidez dos preços ocorre, em geral, em mercados industriais oligopolizados, nos quais a elasticidade da oferta pouco se deve a fenômenos naturais e onde a existência de capacidade ociosa planejada é um fenômeno estrutural. "Nos oligopólios fixa a elasticidade da oferta é elevada, seja pela presença de estoques, seja pela existência da capacidade ociosa planejada"[30].

Nestes mercados o preço e quantidade produzida são "objeto de decisão dos capitalistas", pois são decididos em função de uma estratégia concorrencial. Os capitalistas já conhecem os preços com o qual serão realizados as transações.

Esta estratégia, que é feita tendo em vista vários períodos de produção e de mercado, faz da taxa de lucro desejada e do nível de preços, variáveis estruturais. O que determina a quantidade produzida é a curva de demanda esperada para cada período de produção e de mercado. Desta maneira os preços são rígidos em relação a demanda no período de mercado, pois a estratégia concorrencial já decidiu o preço que irá praticar anteriormente (para estas firmas a curva de oferta real e a curva de oferta no período de mercado são idênticas).

Vejamos como a variação da demanda interfere neste tipo de mercado: "Flutuações da demanda somente afetarão os preços por

meio do efeito que possam vir a exercer sobre as expectativas e as estratégias concorrenciais"[31].

Devemos concentrar nossa atenção na política de preços da empresa para entendermos a dinâmica de propagação da inflação. Se a demanda aumenta progressivamente, os capitalistas se sentem mais seguros quanto ao seu poder de mercado e podem responder com desenvoltura aos estímulos de demanda. Entretanto, a magnitude do aumento na demanda pode ser insuficiente para que os capitalistas elevem sua taxa de lucro desejada e aumentem os preços nos períodos seguintes. Mas se a conjuntura se revelar em uma alta apreciável e persistente do nível geral de preços devido a uma pressão progressiva de demanda e a oferta dos fatores necessários à produção da mercadoria for deficiente, o preço poderá não subir se a deficiência da produção for coberta pelos estoques. Nas palavras de Kalecki surge uma forma de inflação oculta relacionada com a variação nos estoques: "inflação latente". Entretanto esta situação é temporária e à medida que os estoques se esgotam e nos aproximamos da plena utilização da capacidade instalada, o ajuste tenderá a ser feito via preços. À demanda agregada excessiva podem-se sobrepor fatores que resultam de mudanças na composição estrutural dessa mesma demanda, como a alteração comportamental das empresas oligopolistas em relação a "flexibilização" de seus preços (ao se aproximarem do pleno emprego).

Nestes mercados oligopolizados, a incerteza quanto ao comportamento dos concorrentes é reduzida por meio de formas variadas de comportamento convencional. Uma das convenções

possíveis é a liderança de preços: geralmente a empresa de maior poder de mercado orienta o movimento de preços dos concorrentes. A fixação de preços com base na regra de mark-up representa outra forma de convenção. A regra consiste em repassar aos preços as alterações nos custos variáveis unitários. Nada impede que a convenção vigente em mercado seja uma combinação complexa de regras. Por exemplo, uma combinação entre liderança e mark-up: as empresas reajustam seus preços de forma a manter a margem de lucro; porém, não o fazem antes de que a empresa líder tome a iniciativa.

O mark-up expressa tanto a relação entre o preço e o custo variável unitário, quanto a relação entre a receita esperada e o custo variável total. Assim o mark-up está associado a taxa de lucro desejado. Diante uma dispersão de preços e de uma conjuntura que altere substancialmente os resultados recentes, a incerteza quanto ao futuro, seja qual for o horizonte de cálculo torna-se muito mais aguda. Os agentes tendem a se deixar guiar menos pelos resultados recentes do que por seus temores com relação ao futuro. Desta forma, o mark-up refletirá toda esta instabilidade e será progressivamente aumentado, engrossando os determinantes da elevação de preços. Uma combinação entre liderança de preços e mark-up dissemina essa fonte de pressão inflacionária por todo o sistema.

Finalmente gostaria de acrescentar uma inovação na teoria da inflação de demanda que foi feita por Hansen[32]. A teoria keynesiana por muito tempo considerou apenas o excesso de procura no mercado de bens. O trabalho dele considerou o

mercado para serviço produtivos separadamente do mercado de bens. Do seu ponto de vista, o excesso de procura de mercadorias deveria ser medido separadamente do excesso de procura de fatores, que se relaciona principalmente com o trabalho. Para uma inflação plena deve haver o hiato tanto de mercadoria como de fatores, em ambos os casos envolvendo forte excesso de procura. Se há um hiato positivo de mercadorias combinado com um hiato negativo de fatores, por exemplo, situação é menos uma inflação do que a consequência de um desequilíbrio-indicando a super valorização dos serviços produtivos. Desta maneira, deve haver uma correspondência entre as elasticidades-preço da demanda pelo produto final e pelas matérias primas, para que o reflexo da pressão da demanda seja similar nos extremos da cadeia produtiva, e seja inflacionário.

### **5.5.3 - INTERAÇÃO DAS ESTRUTURAS DE MERCADO NUMA CADEIA PRODUTIVA**

Analizemos a interação entre duas empresas que operam em mercados de preços flexíveis e que estejam diretamente relacionadas numa cadeia produtiva. A empresa "A" fornece insumos para a empresa "B".

Suponhamos uma conjuntura em que o aumento da demanda por matérias-primas da empresa "A" eleve os preços dos insumos que a

empresa "B" necessita. O aumento de preços da empresa "A" implicará no aumento dos custos da empresa "B", que deslocará, para uma dada taxa de lucro desejada, a curva de oferta para a esquerda (retração de oferta). Para uma dada curva de demanda esperada, a quantidade produzida diminuirá e o preço desejado aumenta. A retração da oferta provocará uma tendência à elevação do preço da empresa "B", desde que as condições de sua demanda permaneçam inalteradas. Entretanto, mesmo diante de um aumento dos custos, a empresa "B" poderá não reduzir a produção, ao aceitar a redução da taxa de lucro. Desta maneira, poderá ou não haver alteração na quantidade produzida diante de um aumento dos custos. Os preços aumentarão se a quantidade produzida diminuir e, conseqüentemente, houver retração na oferta para uma demanda inalterada.

Se esta situação se difundir entre as demais empresas, haverá ceteris paribus, uma tendência a elevação do preço de mercado no período corrente.

Quando a interação entre empresas numa cadeia produtiva ocorre na direção de um mercado de preços flexíveis para um mercado de preços fixos, teremos um processo de ajuste distinto do que analisamos anteriormente.

Suponhamos uma elevação dos preços em mercados flexíveis situados no elo anterior da cadeia produtiva de um mercado fixo. Num primeiro momento as empresas repassarão o acréscimo dos custos aos preços na mesma proporção de forma a manterem mark-up. Dada a curva de demanda esperada, a quantidade produzida diminuirá. No entanto a elevação de preços pode afetar a

demanda de forma imprevista. Se as empresas do mercado fix interpretarem a elevação dos custos como temporária ou se houver temor quanto a perda de mercado (no caso dos concorrentes manterem seus preços inalterados), a desenvoltura do repasse dos custos aos preços será menor. As empresas podem decidir manter os preços aceitando a redução da taxa de lucro. Dada a curva de demanda esperada a quantidade produzida não se altera.

"A desenvoltura das empresas no <sup>de</sup> impasse dos custos aos preços está diretamente relacionada ao grau de fidelidade de seus demandantes (que implica menor elasticidade-preço da demanda)" [33].

Nos mercados de preços fixos, os capitalistas podem decidir o preço (calculado ainda pela regra de mark-up), apenas pela expectativa de aumento de custos.

## 6. INFLAÇÃO DE CUSTOS

No outro extremo teórico encontramos os que acreditam que a inflação se deve à aqueles agentes que procuram aumentar sua participação no rendimento nacional, sendo necessário um estudo aprofundado da estrutura institucional em que preços e salários são determinados\*. A inflação de custo tem sido a explicação instintiva do leigo sobre os aumentos de preço em geral, desde a origem do sistema monetário. Não se conhece movimento inflacionário que não tenha sido imputado por algumas pessoas ao fato de "exploradores", "especuladores" ou trabalhadores estarem vivendo "além de sua condição "[34].

A teoria da inflação de custos admite que as causas iniciais do processo se encontram no âmbito da oferta agregada, que provocará o aumento de preços pela mudança nos salários, nos custos de matéria-primas e na tentativa de aumentar os lucros. O movimento inflacionário dos preços resulta do fato dos produtores não estarem dispostos a manter a mesma quantidade ofertada aos preços vigentes antes da expansão real dos salários, dos custos com matérias primas e/ou dos lucros.

Antes de examinar as características macroeconômicas da inflação de custo, pode valer a pena rever, ao nível microeconômico, as condições sobre as quais pode ocorrer um salário ou lucro sob pressão.

A magnitude desse tipo de inflação e a dinâmica de sua proporção dependem da estrutura de mercado das indústrias dominantes na economia.

A análise da pressão de salários e lucros deve levar em

consideração tanto as condições de oferta como de procura nos mercados de trabalho e de produtos.

## 6.1 PROCURA DE TRABALHO

A teoria de "procura conjunta" de Marshall é um instrumento útil na análise do lado da procura no mercado de trabalho. "Quanto mais inelástica a procura de grupo de trabalhadores, tanto mais os salários podem ser pressionados para cima. Quanto mais essencial for o trabalho no produto final, i.e., quanto mais baixa a elasticidade de substituição entre o trabalho e outros fatores, mais inelástica será a procura de trabalho". O mesmo acontece quanto mais inelástica for a oferta dos demais fatores utilizados, quanto menor for a proporção dos salários em relação ao custo total e quanto mais inelástica for a procura do produto final.

Um trabalhador individual ou um pequeno grupo de trabalhadores pode ter considerável poder para pressionar as altas salariais na ausência de um sindicato formal se ele (isoladamente, ou o grupo) for absolutamente essencial e insubstituível. A existência de pressões sobre o nível de preços que resultem de elevações salariais é, em geral, decorrentes de negociações coletivas conduzidas por sindicatos organizados e poderosos. Mesmo que não tenhamos uma rede de sindicatos poderosos, poderão haver pressões sob os preços desde de que se verifiquem pré-condições que favoreçam a propagação dos resultados da negociação com alguns grupos que operam em estatura de mercado que estão mais vulneráveis a estas pressões

dada a dificuldade de substituição imediata destes grupos.

É óbvio que, sob condições de concorrência perfeita, uma alta nos custos de trabalho de uma firma isoladamente reduziria ou eliminaria imediatamente seus lucros, e eventualmente a lançaria fora do ramo. As empresas apenas não precisarão temer perda de vendas houver um acordo com os concorrentes de modo a elevar os preços para incorporar os acréscimos salariais.

Teoricamente, as oportunidades para obtenção de aumentos, na ausência de acréscimos atuais na procura, são maiores nas empresas que operam em estruturas de mercado oligopolísticas. As razões teóricas são óbvias: "as curvas de demanda de produto enfrentada pelos oligopolistas são menos elásticas que no mercado mais competitivo, dando aos sindicatos algo a que se apoiarem bem como se tornando possível transferir parte ou a maior parte de um aumento salarial para os consumidores". Em condições de negócios relativamente ativas, as empresas estão menos relutantes em conceder grandes aumentos salariais, não desejando engajar-se em greves. A ampla margem de lucro em algumas indústrias oligopolísticas pode encorajar a inflação incentivando sindicatos a buscarem grandes aumentos salariais.

## 6.2 OFERTA DE TRABALHO

Os acréscimos salariais baseados em alterações na produtividade e lucros podem não volver na pressão sobre os custos ou mesmo no aumento de preços quando os lucros são consequência de aumentos anteriores a procura, os aumentos

salariais são mais apropriadamente interpretados como devidos a efeito retardado de uma pressão de procura. Por outro lado, tentativas de eliminar diferenças salariais envolverão, na maioria das vezes, uma pressão, já que elas tentarão a não ser correlatas com procura excessivas, lucros excessivos ou grandes acréscimos de produtividade. A existência de diferenças salariais e as tentativas para eliminá-las, por tanto, parece serem um fator básico na propagação da pressão salarial. Em outras palavras, a tentativa de superar diferenças injustas induz exigências irrealistas de parte dos sindicatos. Os salários são, de fato, administrados sem ser levada em conta a situação da procura. Se ainda considerarmos que há certo nível de imobilidade em relação à mão-de-obra e houver diferentes níveis salariais, haverá insatisfação; e a insatisfação conduz à pressão "mais que competitiva" de salários.

### 6.3 PRESSÃO DAS MATÉRIAS-PRIMAS

Além de ser explicada pela variação das taxas salariais, a inflação de custos pode resultar de acréscimos nos preços de matéria-prima de alta participação na estrutura de custos das principais indústrias da economia. Para que o aumento do preço da matéria <sup>prima</sup> caracterize uma inflação de custos é necessário que haja independência em relação a variação da demanda, ou seja, a curva de oferta agregada sofre um movimento para cima que

independe do aumento da produção e da venda do produto em que está inserida. Os produtores só estarão dispostos a manter o mesmo nível de oferta agregada a níveis mais altos de preços.

#### **6.4 PRESSÃO DOS LUCROS**

Em indústrias oligopolistas os empresários podem, sem qualquer aumento nos custos ou na procura, elevar os preços. Provavelmente, uma pressão de lucros será menos que uma pressão salarial, pois os lucros constituem uma menor parte do preço e não a "continuidade de pressão" como nos casos dos salários. Mantidos inalterados outros fatores, o assunto do lucro só é possível a partir de indústria oligopolista que estarão dispostos até mesmo a reduzir a produção e o emprego para atingir suas metas. Se há formação ou cartéis a desenvoltura para aumentar a taxa de lucro é maior. Quando estes tipo de acordo não existem, torna-se difícil a manipulação do lucro, pois a possibilidade dos concorrentes não adotarem a mesma política de preços poderá desencadear um confronto entre os produtores que acabe resultando em perdas para todos. E, no extremo caracterizado pela concorrência perfeita, a modificação do lucro, quando ocorre, não é inexplicável por ações deliberadas dos produtores, mas por fatores geralmente fora de seu controle direto. Generalizando, pode-se dizer que a concorrência é um obstáculo à inflação de lucros.

"Os lucros de uma empresa dependem não apenas de preços altos, mas de vendas em grande escala e de baixos custos unitários". A estratégia das empresas na busca de maiores lucros poderá ser traçada em termos de aumento de produtividade e/ou vendas crescentes (via propaganda, etc.), ao invés de por meio de elevação simples dos preços. Mas a pressão via lucros poderá ser contínua se induzir progressivos aumentos salariais. Como os aumentos de salários afetam o consumo de maneira mais intensa que o aumento das taxas de lucro, a pressão inflacionária poderá manter-se contínua, tendo como causa primária o aumento da taxa de lucro desejada, desde que esta mantenha seus vínculos com a variação dos salários.

## 6.5 IMPLICAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS

A inflação age como o grande "calmante" social [28] permitindo a vários grupos sociais elevar suas rendas monetárias (e talvez as rendas reais) sem reduzir a renda monetária de qualquer outro grupo. "O rentista e outros grupos passivos perdem para os grupos ativos no processo inflacionário" [35]. A dificuldade de interromper a inflação resulta do fato de muitos grupos de pressão preferirem a outra alternativa, dado que ela desempenha uma função sócio-econômica

real, que apenas pode ser substituída por uma taxa de crescimento econômico suficientemente elevada para atingir todas as expectativas de rendas mais elevadas.

## **7. OBSERVAÇÕES FINAIS**

Ao diferenciarmos as causas da inflação segundo dois tipos básicos, poderemos ter passado uma impressão de independência destas causas. Entretanto, quando nos aproximamos da realidade concreta, verificamos um intrincado processo de interação demanda-custos. Quanto maior for o período que analisamos, mais difícil diagnosticar as origens do processo inflacionário, tal a independência que se observa entre as causas primárias conhecidas. Esta diferenciação é útil para efeitos didáticos e para orientação de política econômica, apesar da dificuldade de dimensionar o peso de influência de cada uma das causas. Imaginemos uma má colheita que induza o aumento do preço dos produtos agrícolas. Tanto os custos das indústrias que utilizam estes produtos como insumos como o custo de vida dos trabalhadores serão afetados. Como já salientamos anteriormente, os trabalhadores pressionarão os salários nominais. Daí decorrerá a expansão nominal da demanda agregada, que, por sua vez, somente se sustentará se houver expansão concomitante da oferta monetária. Caso isto ocorra, haverá pressão de demanda para promover aumentos generalizados de todos os preços, expandindo-se conseqüentemente os índices indicadores da inflação.

Isto posto, parece que a complexidade das explicações dos diagnósticos e das políticas decorrentes talvez possa ser atribuída à complexidade do próprio fenômeno da inflação. De tal forma que as teorias que acabamos de expor - como já analisamos no início - não são mutuamente elimináveis. Vistos isoladamente,

talvez não passem de meias-verdades. Mas, tomadas em conjunto, servem como pontos e apoio para o exame e a compreensão da realidade concreta. E esta dificilmente é explicável de forma simplista. A literatura sobre inflação é bastante vasta. Consideramos impossível abranger o campo integral no tempo que tivermos à nossa disposição e emitimos completamente a discussão das visões estruturalistas. Acreditamos que o desenvolvimento da teoria da inflação estará fundamentado na síntese do quadro corrente de pensamento que mencionamos neste estudo - inflação de procura, inflação de custos ou de oferta, interações com processos inerciais e interações com a teoria do crescimento econômico e do desenvolvimento.